

Universidade de Brasília(UnB)
Instituto de Ciências Humanas (IH)
Departamento de Filosofia (FIL)

A Estética das Virtudes: a relação entre beleza e virtude na obra
A Cidade das Damas de Christine de Pizan

Josiene Laurentino Gomes
Matrícula: 09/0008430

Brasília
2014

Josiene Laurentino Gomes

A Estética das Virtudes: a relação entre beleza e virtude na obra
A Cidade das Damas de Christine de Pizan

Monografia apresentada como requisito parcial de conclusão do curso de Graduação em Filosofia pela Universidade de Brasília sob a orientação e supervisão da Prof.^a e Ms. Ana Míriam Wuensch.

Brasília

2014

G633eGomes, Josiene Laurentino.

A Estética das Virtudes: a relação entre beleza e virtude na obra A Cidade das Damas de Christine de Pizan / Josiene LaurentinoGomes. – 2014.

40 f. ; 30 cm.

Monografia (graduação) –Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, 2014.

Inclui bibliografia.

1. Beleza.2. Virtude. 3. Pizan, Christine de. A Cidade das Damas. I. Título.

CDU 111.85

Ao meu esposo, Glauber Stênio da Costa Nascimento, por me ensinar que
a beleza é a personificação corporal de uma alma virtuosa.

AGRADECIMENTOS

Ao YHWH pela existência.

Aos meus pais pelo cuidado.

Aos meus irmãos pelo carinho.

Ao meu esposo pelo companheirismo, amor e cuidado.

À professora da Universidade de Brasília, Ana Míriam Wuensch, pela paciência, disponibilidade, acessibilidade, por ter me apresentado Christine de Pizan e por ter aceitado ser a minha orientadora.

À professora e doutora Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne por ter me apresentado com o primeiro exemplar do livro *ACidade das Damas* o que foi essencial e de grande auxílio para o desenvolvimento do trabalho monográfico.

Ao professor Wanderson Flor do Nascimento que compôs a Banca Examinadora pelos comentários que enriqueceram profundamente o referido trabalho.

Aos professores que tive: Virgínia (primeira professora), Márcia Simone, Francinette Trindade e Kátia Rosa que plantaram em mim o desejo pela busca do saber.

Aos amigos queridos, os colegas de curso como a Marina Lins e aos conhecidos por tornarem a minha vida mais prazerosa.

E por fim e não menos importante, às mulheres, reais e fictícias que com suas histórias me ensinam a ser MULHER!



Emily Balivet, 2006.

“Se, portanto, todas as coisas têm em comum o fato de tender para o bem e o belo, então o bem e o belo são a mesma coisa.”

Roberto Grosseteste

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido como uma possibilidade de leitura hermenêutica e filosófica da obra literária da escritora medieval italiana Christine de Pizan precisamente em seu livro *A Cidade das Damas*. A chave de leitura desenvolvida é uma forma de demonstrar que os conceitos utilizados pela escritora medieval ao longo dos três livros que compõem a obra, como beleza e virtude, são oriundos das noções clássicas desenvolvidas por Platão e Aristóteles, e que portanto devem ser entendidos e compreendidos à luz do pensamento clássico grego e da forma que os medievalistas o assimilaram e o compreenderam assim como a noção construída por Pizan entendida como a Estética das Virtudes.

Palavras-chaves: Christine de Pizan. Cidade das Damas. Beleza. Virtude.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro representativo de virtudes aristotélicas.....	31
Quadro 2 – Diferenciação das virtudes	34
Quadro 3 – Quadro de Virtudes Femininas	34

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	AUTORA E OBRA	13
2.1	Da Autora	13
2.2	Da Obra	15
3	DA BELEZA	21
3.1	A concepção do Belo na Antiguidade.....	21
3.2	A concepção de Belo na Idade Média	25
3.3	A concepção de Pizan acerca do Belo	28
4	DA VIRTUDE.....	30
4.1	A virtude segundo Aristóteles.....	30
4.2	A Virtude em Pizan	33
4.3	A estética das virtudes.....	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido para a pesquisa monográfica foi: “*A Estética das Virtudes: a relação entre beleza e virtude na obra A Cidade das Damas de Christine de Pizan*” que começou a ser rascunhado após a participação como discente da disciplina *Ideias Filosóficas em Forma Literária* ofertada pelo Departamento de Filosofia e ministrada pela Professora Ana Míriam que faz, entre outras coisas, um árduo trabalho de recuperação das pensadoras na história da Filosofia.

O objetivo da monografia foi de traçar planos de leitura filosófica da obra *A Cidade das Damas* para compreender o pensamento feminino no medievo e sua erudição definindo o que a autora entende por virtude e por beleza. A abordagem escolhida é histórica no sentido de resgatar o que os Antigos, mais precisamente Platão e Aristóteles, explanaram acerca do tema passando pela interpretação do medievo¹ até o que Pizan poderia ter tido contato e assimilado.

Definido o que é virtude assim como o que é belo é realizado um processo de comprovação textual no qual é retirado do livro *A Cidade das Damas* elementos como os exemplos de mulheres belas e virtuosas traçando e investigando desta forma uma possível relação entre beleza e virtude até chegar ao que seria a Estética das Virtudes.

A monografia é composta de 4 (quatro) capítulos centrais:

- ❖ No primeiro capítulo intitulado *Da Autora*, a escritora Christine de Pizan, é apresentada como uma mulher inserida em um núcleo familiar erudito e que começou a escrever por encomenda e para defender as mulheres dos ataques misóginos fazendo do livro *A Cidade das Damas* uma maravilhosa resposta aos escritores de sua época e de contra o pensamento vigente que ora retratavam as mulheres apenas como sedutoras ora apenas vivendo à sombra do homem como sua companheira destinada à fiar, chorar e procriar.

¹Exceto no Capítulo 3 *Da Virtude* onde a única autoridade utilizada como fonte de pesquisa acerca da virtude é a própria Pizan, isso é feito com o intuito de demonstrar que suas obras e suas ideias são tão relevantes quanto as dos seus contemporâneos e fazendo o caminho inverso da história misógina da filosofia que consagrou os homens como os únicos detentores do saber ao banir a existência das pensadoras de seu cânone.

- ❖ O segundo capítulo, *Da Beleza*, aborda o contexto clássico acerca das questões relacionadas ao conceito de Belo, com Platão afirmando que a beleza não se encontra neste mundo mas é possível identificá-la pelo conhecido processo de rememoração, onde a alma recorda contemplando o mundo do que foi visto antes de habitar o corpo, diferente da concepção de Aristóteles que entende a beleza como inserida no mundo e conseqüentemente no próprio objeto e é definida pelo grau de organização de suas partes, atribuindo uma função numérica para a beleza. Seguindo pela compreensão do medievo em aceitar que a beleza é fruto da criação divina e as principais passagens de Pizan no Livro Segundo d' *A Cidade das Damas* sobre os casos notórios de beleza feminina já demonstrando que existe algo além dos dotes físicos e pelo qual verdadeiramente as mulheres se destacam.
- ❖ No terceiro capítulo, *Da Virtude*, para se chegar à compreensão de Pizan acerca da virtude são introduzidas breves noções aristotélicas sobre ética e moral contidas no livro *Ética à Nicômacoe* a significação da virtude como um ato moderado e o caminho para a felicidade diferentemente do foco da autora que defende que é na constância das ações que a virtude figura.
- ❖ O último capítulo, *Considerações Finais*, tem por objetivo pontuar a relação existente entre beleza e virtude na compreensão da pensadora e transmitir sua certeza de que a virtude é o que define o grau de beleza que uma alma pode ter além de possíveis sugestões de aprofundamento sobre os temas no grande período conhecido historicamente como Idade Média.

A Idade Média é o período mais longo datado pela tradicional divisão historiográfica. A Idade Média teve, aproximadamente, mil anos de duração e é aceita, oficialmente, como o período entre a Queda do Império Romano do Ocidente, no século V d.C., à Queda do Império Romano do Oriente², no século XV.

Os renascentistas e os iluministas ilustraram a Idade Média e a difundiram como um período de escuridão mas, se o foi, a nuvem do pensamento estagnado não atingiu a

²Marcada pela Tomada de Constantinopla pelos turcos.

filosofia que sobreviveu em pleno desenvolvimento. A filosofia medieval foi, com certeza, a assimilação prévia do doutrinário grego, mas não se limitou, apenas, em repetir o conhecimento que já havia sido desenvolvido e pregado pelas escolas gregas. Coube aos medievais o papel de conhecer os antigos e os interpretar à luz da revelação divina e cristã.

Após o fechamento das escolas filosóficas gregas pelo Imperador Justiniano, na Baixa Idade Média, os padres apologistas da Igreja entendiam que a filosofia estava a serviço da teologia e que servia, apenas, para fundamentar as teses teológicas. A filosofia era tida como um instrumento de convencimento para justificar, defender, convencer e auxiliar o crescimento do cristianismo.

Com Santo Agostinho, as teorias platônicas como, por exemplo, a necessidade de transcender o mundo material, a primazia do mundo inteligível, o mundo das ideias e a certeza de que o verdadeiro saber não se encontra neste mundo, foram conhecidas e propagadas. Elas deram origem à própria teoria agostiniana do conhecimento, ao convencimento de que existe uma realidade inteligível, ao conceito de que o mal pode ser conciliado com o cristianismo e à definição do que é o tempo.

Com São Tomás de Aquino, o pensamento lógico de Aristóteles foi redescoberto, estudado, comentado e reordenado, assim como as antigas discussões acerca da natureza da alma, da essência e da existência que cominaram nas questões como livre-arbítrio e as famosas cinco vias para se provar a existência de Deus. Com os pensadores medievais, o que tinha sido considerado perdido ou esquecido dos antigos foi recuperado de forma tímida. Até o fim da Idade Média, se tinha conhecimento de parte da obra de Platão – *Mênnon*, *Fédon*, *Protágoras*, *Timeu* e *República* – e um pouco mais da obra de Aristóteles – cerca de cinquenta e cinco tratados e parte do *Órganon*, isto é, a *Velha Lógica*, *As Categorias*, *Da Interpretação* e os *2º Analíticos*.

O fato de se ter conhecimento de poucas obras de Platão na Idade Média em comparação com o Renascimento se justifica em que todo o pensamento platônico relevante para as doutrinas da Igreja e conciliáveis com a fé cristã estar inserido nas obras de Santo Agostinho. Dessa forma ele era a autoridade e o cânone sendo fonte indireta para os estudos sobre Platão entre os pensadores de sua época. Aristóteles por ser mais popular, estudado e traduzido especialmente por Tomás de Aquino, Porfírio, Cícero e Boécio, teve suas obras, rapidamente, comentadas, traduzidas e recuperadas. Platão e Aristóteles, curiosamente, eram os únicos pagãos aceitos como autoridades

pelos teóricos da Igreja e considerados pelas correntes liberais da época pagãos virtuosos. Mesmo assim, eram tratados com reserva e cuidado.

Historicamente, a Idade Média recebeu diversos acontecimentos relevantes como as Cruzadas – com a proposta da libertação da Terra Santa – o nascimento das ordens mendicantes dos franciscanos e dominicanos, o surgimento das primeiras universidades – com a divisão dos saberes que originaram as Sete Artes Liberais – a utilização dos mosteiros como centros de saberes e de vastas bibliotecas, a temerosa tortura da Inquisição, a Guerra dos Cem Anos e a Peste Negra que devastou grande parte do Velho Mundo. Todos esses fatos históricos contribuíram para a formação de um pensamento próprio do medievo e, conseqüentemente, para a difusão e propagação dos saberes.

Particularmente no século XIV, período de transição marcado profundamente pelo domínio da Igreja que influenciou fortemente as produções culturais, intelectuais e artísticas, assim como os sistemas econômicos e políticos anunciando o fim da Idade Média, neste universo de conhecimento e efervescência do pensamento humano consagrado exclusivamente pelo predomínio absoluto dos filósofos e de seus sistemas complexos e logicamente comprovados conhecido como Idade Média mas que poderia muito bem ser conhecida como Idade dos Homens pelo foco nos senhores feudais, no prestígio dos bispos e dos cavaleiros de armaduras é que nasceu e viveu Christine de Pizan.

A sensação transmitida pelos livros didáticos e manuais de filosofia de que as mulheres na Alta e na Baixa Idade Média sobreviviam à sombra dos homens é ilusória e falsa como afirmam muitos historiadores como Pernoud³ que as mulheres tinham papel fundamental nessa sociedade sejam nas funções de rainhas na ausência (pela guerra ou pela morte) de seus companheiros, como nas de abadessas que eram verdadeiras senhoras feudais administrando cidades e paróquias ou exercendo profissões similares às conhecidas atualmente como de professoras, médicas, copistas, miniaturistas, pintoras demonstrando que eram instruídas e habilidosas.

A biografia da pequena notável Christine de Pizan assim como as suas obras servem para comprovar definitivamente que a existência das mulheres foi essencial para a continuação da história da humanidade e que as mesmas desempenharam diversas

³ PERNOUD, Régine. **Idade Média**: o que não nos ensinaram. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

funções mesmo que para conhecê-las é preciso libertar-se das ideologias dominantes resgatando o papel que a mulher sempre teve na sociedade.

2 AUTORA E OBRA

2.1 Da Autora

Christine de Pizan nasceu no fim da Idade Média em 1364, em Veneza, na Itália. Filha de Thomas de Pizan— médico, filósofo, astrólogo, físico e professor da Universidade de Bolonha – e neta, por parte de mãe, do anatomista Mondino di Luzzi(LEITE, 2008). As poucas linhas que dedica aos seus genitores em sua obra *A Cidade das Damas* são ditas pela Dama Retidão no Livro II:

Teu pai, que foi um grande astrônomo e filósofo, não pensava, claro, que as mulheres fossem menos capazes de aprender o saber científico. Ele se alegrava, ao contrário, sabes bem, em ver o teu dom para as letras. A opinião feminina de tua mãe, que queria te ver ocupada com agulha e linha, a atividade costumeira para as mulheres, durante a tua infância foi o obstáculo maior aos teus estudos e ao aprofundamento de teu saber científico. (PIZAN, 2000 apud DEPLAGNE, 2006, p.260).

Talvez, por essa educação diversificada, Christine tenha sido uma mulher incomum para a sua época. Foi mãe, esposa, poetisa, filósofa e é a primeira escritora profissional da época em que os livros eram, ainda, obras únicas e verdadeiros tesouros por serem manuscritos. Italiana de nascimento, teve, após a mudança de sua família para a França, uma educação privilegiada, com professores particulares, e próxima à corte francesa, com quem cresceu. Foi incentivada, principalmente, por seu pai, a se dedicar aos estudos e, posteriormente, também, pelo seu esposo. Aprendeu as línguas clássicas e de sua época porque, desde jovem, teve a oportunidade do livre acesso à biblioteca do

rei da França. Consequentemente, lhe foi dada a possibilidade rara de se relacionar com todo o conhecimento vigente de sua época.

Aos quinze anos, Christine se casou com Etienne Castel, secretário do rei, esposo muito amado que lhe presenteou com filhos. Ficou viúva, dez anos mais tarde. Cheia de dívidas deixadas pelo marido e tendo que cuidar dos filhos, da mãe e de suas sobrinhas, foi obrigada a fazer uso de seus conhecimentos literários. Para sobreviver, se aventurou na arte da escrita, se tornando escritora por necessidade. Por ser tão dedicada e dotada, logo se tornou conhecida e solicitada, escrevendo ora baladas românticas para entreter as damas palacianas, ora traduções manuais e biografias de reis.

Através da leitura e da escrita, Christine de Pizan se envolveu numa discussão literária que lhe permitiu ir além dos muros palacianos e firmar sua posição como escritora preocupada com a posição social das mulheres. A discussão ficou conhecida como a *Querelle du Roman de la Rose*⁴. A escritora instigou o debate, questionando os méritos literários de Jean de Meun, autor do *Roman de la Rose*, um dos livros mais populares da França e da Europa no século XIII. Nesse exemplar mordaz às convenções do amor cortês, as mulheres eram retratadas como nada mais que sedutoras. Christine, em seus poemas, vai criticar os termos vulgares usados para descrever as mulheres que denegriam a função natural e própria da sexualidade feminina. A sua coragem conquistará a admiração e o apoio de alguns dos grandes pensadores da época, como Jean de Gerson e Eustache Deschamps.

Christine é uma escritora com cultura medieval e mentalidade contemporânea na abordagem da questão feminina, o que torna a sua obra um precioso documento sobre a história, a educação e a situação da mulher medieval. Seus escritos são, também, uma fonte interessante para visualizar o modo como os conceitos filosóficos clássicos foram recebidos e incorporados na Idade Média tendo que, em algumas situações, assumir outras significações ou, até mesmo, complementações para não ferir as doutrinas dogmáticas da Igreja.

⁴A *Querelle du Roman de la Rose* foi uma famosa discussão literária no meio acadêmico entre Christine de Pizan, Jean de Montreuil e um clérigo na Idade Média e era frequentemente utilizado como um meio de retomar questões estudadas mas não totalmente esclarecidas e de conseguir visibilidade e adeptos na busca de uma resolução. Curiosamente a referida discussão inaugura o maior debate feminista até hoje registrado, em duração histórica, sobre a representação das mulheres e envolve uma gama de escritores e pensadores do fim da Idade Média até a Revolução Francesa.

Ela morreu, em 1430, no convento Saint-Louis de Possy, onde vivia desde 1422(LEITE, 2008). É o mesmo lugar onde sua filha viveu e decidiu se dedicar à vida religiosa. A escritora luta, em suas obras, até a morte, pelo ideal feminista, deixando, para a posteridade, um livro, em defesa das mulheres, conhecido como *A Cidade das Damas*.

2.2 Da Obra

O livro *A Cidade das Damas*⁵ foi publicado em 1405 e nasceu das reflexões indignadas de Pizan após ler um livrinho que achou perdido, em sua biblioteca, intitulado de *As lamentações de Mateolo*:

[...] procurando à minha volta algum livrete, caiu entre minhas mãos um certo opúsculo que não me pertencia, mas que alguém havia deixado ali, com outros volumes, por empréstimo. Abri-o, então, e observei no título que se tratava de Mateolo. Pus-me, então, a rir, pois não o havia lido antes, mas sabia que, entre outros livros, esse tinha a reputação de falar bem das mulheres! Pensei, então, que para me divertir um pouco, poderia percorrê-lo. [...] Pus-me a lê-lo. Avancei um pouco a leitura. Mas, o assunto parecendo-me tão pouco agradável -, aliás, para qualquer um que não se deleita com calúnias -, e sem contribuir em nada à edificação moral nem à virtude, considerando ainda a desonestidade da linguagem e dos temas por ele tratados, folhee-o aqui, ali, li o final, e, em seguida, abandonei-o para voltar a outros estudos mais sérios e de maior utilidade. Porém, a leitura daquele livro, apesar de não ter nenhuma autoridade, suscitou em mim uma reflexão que me atordoou profundamente. Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizerem as mulheres e a condenarem suas condutas em palavras, tratados e escritos. Isso não é questão de um ou dois homens, nem mesmo só deste Mateolo, a quem não situaria entre os sábios, pois seu livro não passa de gozação; pelo contrário, nenhum texto está totalmente isento disso. Filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício. (PIZAN, 2012, p.51–52).

⁵ PIZAN, Cristine. **A Cidade das Damas**. Tradução e Apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2012.

Revoltada com o conteúdo negativo do que acabara de ler, refletindo sobre ele e não conseguindo entender o motivo que inspirou não só esse mas tantos outros escritos maliciosos que retratavam as mulheres de forma tão indigna em contradição com os exemplos de tantas mulheres reais e folclóricas que conhecia, exemplos belos e virtuosos, rogou a Deus em busca de esclarecimentos:

Ah! Deus, como isso é possível? Como acreditar, sem cair no erro, que tua infinita sabedoria e perfeita bondade tinham podido criar alguma coisa que não fosse completamente boa? Não é verdade que criaste a mulher com um deliberado propósito? E desde então, não lhe deste todas as inclinações que gostarias que ela tivesse? Pois, como seria possível teres te enganado? E, no entanto, eis tantas acusações graves, tantos decretos, julgamentos e condenações contra ela! Eu não consigo entender essa aversão. E, se é verdade, meu Deus, que tantas abominações abundam entre as mulheres, como muitos o afirmam – e, como tu mesmo dizes que o testemunho de vários garante a credibilidade, por que não deveria pensar que tudo isso seja verdade? Que pena! Meu Deus! Por que não me fizeste nascer homem para que minhas inclinações estivessem a teu serviço, para que em nada me enganasse, para que eu tivesse esta grande perfeição que os homens dizem ter? Mas, como tu não quiseste, como não estendeste tua bondade até mim, perdoe minha negligência ao te servir, Senhor Deus, e não te descontente, pois o servidor que menos recebe de seu senhor, menos é obrigado a servi-lo. (PIZAN, 2012, p. 53-54).

Recebe como resposta dos céus a visita inesperada de três damas alegóricas e personificações de virtudes femininas: Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça:

Abatida por esses pensamentos tristes, eu baixava a cabeça de vergonha. Os olhos repletos de lágrimas, a face na mão, apoiava-me no braço da poltrona, quando repentinamente vi descer no meu colo um feixe de luz, como se fosse um raio de sol penetrando ali naquele quarto escuro, onde o sol nunca poderia entrar naquela hora, então despertei-me em sobressaltos, como quem acorda de um sono profundo. Erguendo a cabeça para olhar aquele clarão, vi elevarem-se diante de mim três damas coroadas, de quão alta distinção. (PIZAN, 2012, p. 54).

As Damas surgem com papéis diversos a cumprir:

- ❖ a primeira, a Dama Razão, que acompanha Christine em todo o Livro I é

a portadora do espelho que possui a capacidade de demonstrar a essência das pessoas. Ela explica à escritora o motivo de sua visita, sua função e a razão de ela ser escolhida para a tarefa de construir *A Cidade das Damas*. A Razão é responsável pela fundação e construção das paredes e dos altos muros. As mulheres escolhidas para serem exemplos e terem suas histórias contadas são Minerva, Medeia, Semíramis, as Amazonas e Dido. Mulheres guerreiras e rainhas determinadas, conhecidas pela sua força, dedicação e amor ao que faziam.

- ❖ No Livro II, a Dama Retidão é apresentada com uma régua que tem por objetivo traçar o limite da virtude, separando o bem do mal. Sua função é edificar as casas da cidade, os palácios e os templos tendo como cenário tanto as histórias das sibilas e das profetisas como as histórias das mulheres cristãs, a exemplo da rainha de Sabá, de Débora e de Ana. O Livro II termina com um apelo e um convite de Christine às damas que amaram, amam e amarão a virtude: que se alegrem e se regozijem pela nova cidade adquirida.
- ❖ No Livro III, a última Dama, a Justiça, aparece com uma taça de ouro e tem a difícil missão de definir quais serão as primeiras moradoras da cidade. O critério que utiliza para recebê-las é a virtude. Então, constrói torres altas e as fortificações terminando, assim, a Cidade se fundamentando na vida de Nossa Senhora e das santas mártires.

No capítulo final do Livro III, a cidade é definida como um local de refúgio e fortaleza e como exemplo de virtude. Christine se dirige a todas as mulheres de acordo com o seu estado civil e sua posição na sociedade e alerta para que tomem cuidado com as armadilhas sedutoras:

Assim, minhas Damas, sejais humildes e pacientes, e a graça de Deus crescerá em vós, e sereis louvadas nos reinos dos céus, pois como disse Santo Gregório, a paciência é a porta de entrada do Paraíso e o caminho que leva a Jesus Cristo. Que nenhuma de vós, deixai-vos impressionar com opiniões frívolas e sem fundamento – na inveja, na teimosia, em uma linguagem soberba ou em atos ultrajantes – Pois, são coisas que perturbam os espíritos e fazem perder a razão, e maneiras particularmente inconvenientes e inadequadas em uma senhora. [...] Enfim, todas vós, senhora, damas de grande, média e humilde condição, antes de qualquer coisa, tende cuidado e sede vigilantes para vos defender contra os inimigos de vossa honra e de

vossa virtude. Vede, minhas damas, como de toda parte esses homens vos acusam dos piores defeitos! Desmascarai suas imposturas pelo brilho de vossa virtude; fazendo o bem, convencei que todas as calúnias são mentiras. Assim, poderei dizer com o Psalmista: A culpa dos maus cairá sobre suas cabeças! Tende repulsa aos hipócritas bajuladores que procuram tomar-vos com seus discursos envolventes e por todas as armadilhas inimagináveis vosso bem mais precioso, quer dizer vossa honra e a excelência de vossa reputação! Oh! Fugi, senhoras, fugi da louca paixão que eles exaltam a vosso lado! Fugi dela! Pelo amor de Deus, fugi! Nada de bom pode acontecer; pelo contrário, tende certeza de que mesmo se a brincadeira parece divertida, sempre se voltará a vosso prejuízo. Não vos deixei persuadir-vos do contrário, pois é mera verdade. Lembrai-vos, caras amigas, como esses homens acusam-vos de fragilidade, de leviandade e de inconstância, o que não os impede de utilizar as armadilhas mais sofisticadas e se esforçarem, com mil maneiras para seduzir-vos, a pegar-vos como fazem com tantos bichos em suas redes! Fugi, senhoras, fugi! Evitai essas amizades, pois sob o riso pode se esconder o veneno mais amargo, e que levam a morte. Dignai-vos, minhas venerabilíssimas damas, de procurar a virtude e fugir dos vícios, para que cresçam e multipliquem-se as habitantes de nossa Cidade. Quanto a mim, vossa serva, não me esquecei em vossas preces, a fim de que Deus conceda-me a graça de viver e de perseverar aqui na terra em seu santo serviço, e que na minha morte ele perdoe meus grandes pecados e me conceda a glória eterna. Que a sua graça esteja convosco. Amém. (PIZAN, 2012, p.316-317).

A Cidade das Damas é um rol biográfico composto por três livros num total de 138 capítulos: Livro I com 48 capítulos, Livro II, com 69, e Livro III, com 19. A artimanha criada por Christine de Pizan de construir uma cidade utópica que sirva de fortaleza para as mulheres virtuosas é uma forma genial de tratar a questão da mulher, uma discussão que ultrapassa as linhas seculares e chega até a contemporaneidade.

O livro é a aglomeração das mulheres “*de grande mérito, porque não queremos outras*”⁶ (PIZAN, 2012, grifo meu). É uma obra de exaltação da moral feminina na qual a cidade é edificada com o auxílio de três damas ilustres que são personificações de virtudes femininas.

A atribuição da Razão como virtude feminina é uma mudança radical e de contra ao que até hoje é associado às mulheres como ligadas à sensibilidade e ao corpo. A negação de que as mulheres não possuem a capacidade de raciocinar é levada ao extremo chegando a lhe atribuir um sexto sentido que na verdade seria a capacidade feminina de ler e interpretar corretamente os sinais. Com o uso da Razão como a

⁶ PIZAN, Cristine. **A Cidade das Damas**. Tradução e Apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2012, p.171.

primeira Dama Christine firma sua posição como mulher que pensa e que constrói uma cidade modelo com mulheres que praticam atos relacionados à sabedoria, criatividade, iniciativa e genialidade.

A Retidão armada com a régua que diferencia as ações virtuosas das não virtuosas caminha próxima ao abismo da perdição mas desenvolve em todas as situações uma capacidade de resiliência impressionante resistindo ao que seria mais fácil momentaneamente. No Segundo Livro as mulheres fazem uso da palavra, da retórica e da arte do convencimento quebrando o mito de que é uma habilidade masculina. São mulheres admiradas pelos conselhos que davam, eram procuradas por reis, são administradoras e capazes de escolher. Escolhem as boas ações, o bem, o correto. Não se corrompem. Não se corromper é uma característica da Justiça que decidi sem tomar partido.

A Justiça no Livro Terceiro tem a missão primordial de receber as mulheres virtuosas. Adentrar na cidade é uma forma de gratificação pelo exercício constante do bem agir e o reconhecimento de foi testada e considerada aprovada tornando-se um modelo a ser seguido.

O uso de alegorias, metáforas, parábolas e personificações são recursos utilizados desde a Antiguidade Clássica como na Alegoria da Caverna de Platão e na A Cidade de Deus de Santo Agostinho como ferramentas para abordar assuntos diversos e transmitir sutilmente ensinamentos:

A personificação das virtudes e seus usos como personagens era um procedimento literário rotineiro entre os autores da época, principalmente nos livros de instrução, tidos como verdadeiros espelhos para o comportamento. Esse tipo de livro tinha dupla função na sociedade: mostrar que, com a dinâmica especular, a realidade imita a arte, e a própria arte mimetiza a realidade. (LEITE, 2008, p.86).

As mulheres que adentram n' *ACidade das Damassão* damas lembradas por suas qualidades e por não terem se entregado às circunstâncias desafiadoras de uma sociedade cruel com o gênero feminino. Na cidade, as mulheres estão protegidas das hostilidades e injustiças masculinas, além de terem como governante uma mulher que foi, segundo Christine, exemplo de superação terrena: Maria, mãe de Jesus Cristo, para

os cristãos. Coroar uma mulher é ratificar a capacidade feminina de pensar, decidir e gerenciar suas próprias ações e também às do próximo.

Atravessar o pórtico da cidade adentrando em seus interiores é o reconhecimento de uma existência plena. Só as mulheres virtuosas que se esforçaram conseguiram porque nada é dado gratuitamente. Quem foi aceita como moradora cultivou suas virtudes e permaneceu firme aos seus princípios frente às adversidades e, por isso, é acolhida. Christine não salva as mulheres, elas próprias precisam tomar suas decisões e exercitar suas virtudes, diariamente, Tornando-se vívidos exemplos de mulheres virtuosas e de extrema beleza.

3 DA BELEZA

3.1 A concepção do Belo na Antiguidade

O Centro do Saber Antigo, Atena, é bela por excelência. O culto, a exaltação e a busca pela beleza rege a forma de compreender o mundo. Os deuses, as mulheres, os homens e a natureza são exemplos de uma ordem simétrica e bem ordenada das partes cósmicas do universo que substituiu o caos mitológico. Aqueles que não se enquadram no quesito de representação da beleza são rejeitados como, por exemplo, o caso do deus Hefesto jogado pelo próprio pai do montanhoso Olimpo mesmo sendo habilidoso e criativo.

A beleza fascina. Causa admiração e deslumbramento frente aos olhos do sujeito que reconhece algo de divino nas formas da natureza e, sobretudo, no corpo do sujeito, o único capaz de demonstrar a beleza tanto nas formas físicas quanto nos comportamentos. O homem é aquele ser privilegiado pelos deuses pois, além de beneficiado com a beleza divina corporal, pode se sentar e contemplar, espantado, todo o esplendor do mundo que o cerca. Assim, faz com que todo o encantamento mundano resultante dessa contemplação gere uma necessidade de explicação, o que instigou o nascimento e o florescimento da filosofia.

Os filósofos gregos foram os primeiros a registrar e definir as questões relacionadas à beleza e a virtude. Platão, em seus escritos, explanava que elas vêm dos deuses. A beleza do sujeito é determinada pela maior ou menor comunicação que a alma teve com as Formas antes de habitar o corpo, no mundo das essências. A Beleza, o Bem e a Verdade existem no mundo das ideias como forma e essência das coisas. A Beleza Grega é uma realidade do sujeito em contato transcendental com um conjunto de características divinas. O belo é a ideia das Formas reais, uma manifestação da divindade e daquilo que se encontra fora do mundo físico.

É na contemplação da beleza que os sujeitos obtêm êxito nas ciências e no saber, essa é uma maneira de atingir a virtude. A beleza é aquela sensação que causa, antes de qualquer coisa, prazer, enlevo da alma, sendo contemplativa porque “*somente a Beleza*

tem esta ventura de ser a coisa mais perceptível e enlevadora”. (PLATÃO, 1954, p. 223). A contemplação e a admiração é o desejo da alma de elevar-se, atingir, de certo modo, as Formas perfeitas e reais e começar por admirar um corpo belo e depois outro, outro e outro. Desta forma, é possível compreender que belos não são os corpos e sim a beleza existente neles, pois a beleza dos corpos está fadada ao fim, com o passar do tempo, mas existe algo que não é efêmero, e que é buscado:

verá então bruscamente certa Beleza de natureza maravilhosa, aquela que era, justamente, a razão de ser de todos os seus trabalhos anteriores. Verá algo que, em primeiro lugar, é eterno; que não nasce nem morre; que não aumenta nem diminui; que, além disso, não é em parte feio e em parte belo, agora belo, depois feio, belo em comparação com isto e feio em comparação com aquilo, belo aqui e feio ali, belo para alguns e feio para os outros. Conhecerá a Beleza que não se apresenta como rosto, ou como mão, ou como qualquer outra coisa corporal, nem como palavra, nem como ciência, nem como coisa alguma que exista em outra, como por exemplo, num ser vivo, ou na terra, ou no céu. Beleza, ao contrário, que existe em si mesma e por si mesma, sempre idêntica, da qual participam todas as demais coisas belas. Estas coisas belas, que participam da Beleza suprema, ora nascem, ora morrem; mas essa Beleza jamais aumenta ou diminui, nem sofre alteração de qualquer espécie. (PLATÃO, 1954, p. 167–168).

Para, cada vez mais, alcançar o belo, o sujeito acaba desenvolvendo um caso de amor. É o que Platão sugere em seu diálogo, o *Banquete*. O Amor é a necessidade constante de buscar conhecer. Na mitologia, Eros, o Deus do Amor que é o filho da Pobreza e do Recurso, anda em busca das coisas belas. É o amor pela beleza que faz o sujeito desejar as almas belas. Ama-se o Belo em si. Desta forma, seguindo o caminho do Amor, primeiro sensível e natural e depois transcendente, o sujeito tem a possibilidade de evoluir chegando à contemplação da Beleza Absoluta, da Forma real que, verdadeiramente, existe e do qual as outras belezas participam. Isso torna as belezas sensíveis sombras pálidas e reflexos da Beleza Absoluta:

De um corpo para dois; de dois para todos os belos corpos; dos belos corpos para as belas ocupações; destas aos belos conhecimentos, até que, de ciência em ciência, se eleve por fim o espírito à *ciência das ciências*, que nada mais é do que o conhecimento da Beleza Absoluta. (PLATÃO, 1954, p. 168)

O amor começa pelos belos corpos, pela beleza física, pela beleza natural e depois começa a se abstrair, chegando a amar a beleza da alma, o que é perfeito, o que é bom. Ama o imaterial, que não mais pode ser sentido em busca da:

conquista do bem realiza-se na espécie de um << parto no belo >>, porque a esperança de ser para sempre felizes implica a aspiração à imortalidade ou a necessidade de superar os próprios limites mediante a procriação. (LOMBARDO, 2003, p.59).

A contemplação da beleza é um modo de entrar em contato com a divindade. É a última etapa de um processo que se inicia admirando um corpo belo até atingir o patamar de contemplação do belo em si:

O modo correto de proceder(ou de se ser guiado por outros) em direção às coisas do amor é então o seguinte. Começar por estas belezas particulares e, aspirando alcançar o belo em si, subir cada vez mais, como por uma série de degraus. De um único corpo belo para dois corpos belos. E depois de dois corpos belos para todos os corpos belos. E ainda: dos belos corpos para as belas instituições e das instituições para os belos conhecimentos. E, através dos belos conhecimentos, chegando à meta daquele conhecimento que de nada mais é conhecimento senão do próprio belo, aprender finalmente o que é o << belo em si >>. Eis o momento [...], se alguma vez outros houve, em que a vida de um homem se torna digna de ser vivida: quando ele contempla o << belo em si >>. (LOMBARDO, 2003, p. 60).

A contemplação se encontra, ainda, em contato direto com o que é Bom, o que é Belo e o que é Verdadeiro:

a Beleza deixa-se captar com os olhos num fulgente reflexo terreno. Destituídas de figura, de cor e de transparência, as Essências ideais só podem ser contempladas com o nous, o intelecto. Mas a beleza, o único inteligível traduzido no sensível, suscita um desejo que dá asas à alma do homem dedicado ao saber, fazendo-o negligenciar as coisas terrenas e tornando-o ansioso por voar em direção à Verdade, (LOMBARDO, 2003, p. 61),

Na verdade, a contemplação da beleza é uma recordação, visto que a alma lembra, vagamente, dependendo do que viu no mundo das essências:

Quanta à Beleza, já te disse, ela brilhava entre todas aquelas Idéias Puras, e, na nossa estada na terra, ela ainda ofusca com seu brilho todas as outras coisas. A visão o é, ainda, a mais sutil de todos os nossos sentidos. Mas não poderia perceber a sabedoria. Despertaria amor veemente, se oferecesse urna imagem tão clara e distinta quanta aquelas que podíamos contemplar para além do céu. Somente a Beleza tem esta ventura de ser a coisa mais perceptível e elevadora. (PLATÃO, 1954, p. 223).

Outro pensador contemporâneo de Platão, Aristóteles, entendia a beleza como a decorrência da harmonia ou ordenação existente no objeto ou no sujeito. A Beleza é entendida como uma proporção numérica: “A Beleza – seja a de um ser vivo, seja a de qualquer coisa que se componha de partes – não só deve ter estas partes ordenadas mas também uma grandeza que obedeça a certas condições” (SUASSUNA, 2011, p. 52).

Complementando:

O Belo, num ser vivente ou num objeto composto de partes, deve não só apresentar ordem em suas partes como também comportar certas dimensões. Com efeito, o Belo tem por condições uma certa grandeza e a ordem. Pelo qual motivo, um ser vivente não pode ser belo, se for excessivamente pequeno... nem desmedidamente grande... (SUASSUNA, 2011, p. 111).

A beleza, em Aristóteles, é harmônica com a grandeza e a proporção equilibrada de partes que resultam no todo e está, diretamente, nos objetos contemplados. A beleza não reside no objeto, o objeto é que é belo. A Beleza é agradável porque gera admiração pelo outro:

A beleza de um certo objeto deve ser coordenada com o olhar do observador a que aquele objeto deve proporcionar prazer: assim que a adequação teleológica do objeto observado e a satisfação estética do sujeito observante venham a corresponder. (LOMBARDO, 2003, p. 108).

3.2 A concepção de Belo na Idade Média

O período medieval foi, para a filosofia, um período de desenvolvimento. Todo o sistema econômico, político, cultural, religioso e social que vigorou nos séculos anteriores e que entrou em decadência, possibilitou o surgimento de novas ideias que organizaram e reordenaram as estruturas fragmentadas em conjunto com a redescoberta dos clássicos pensadores e o acesso ao pensamento de Aristóteles, traduzido por Averróis. Esse processo acaba influenciando o pensamento da época e as obras de São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, como aborda Umberto Eco⁷:

A Idade Média tirou da antiguidade clássica grande parte de seus problemas estéticos, mas conferiu a tais temas um novo significado, inserindo-os no sentimento do homem, do mundo e da divindade típicos da visão cristã. Extraiu da tradição bíblica e patrística outras categorias, mas empenhou-se em inseri-las nos quadros filosóficos propostos por uma nova consciência sistemática. (ECO, 1989, p.15).

As concepções sobre a Beleza também estão em pauta na Idade Média adquirindo significação própria aproveitando-se da concepção clássica da antiguidade interpretando-a conforme exigência do Cristianismo. As ideias de Belo dos filósofos como Platão e Aristóteles são aceitas em conjunto com as religiosas:

ao falar de problemas estéticos e ao propor regras de produção artística, a antiguidade clássica tinha o olhar voltado para a natureza, enquanto os medievais, ao tratar dos mesmos temas, tinham o olhar voltado para a antiguidade clássica; e, por um lado, toda a cultura medieval é, efetivamente, mais do que uma reflexão sobre a realidade, um comentário da tradição cultural.(ECO, 1989, p.15).

O belo continua sendo um atributo divino. Deus, o Criador do Universo, torna todas as Suas obras belas por nascimento. O belo está na natureza, na luz, no homem,

⁷ ECO, Umberto. **Arte e Beleza na Estética Medieval**. Tradução de Mario Sabino Filho. Revisão técnica de Roberto Romano. 2. Ed. Rio de Janeiro: Globo:1989.

no divino e em todos os lugares. É sinônimo do bem, da verdade, refletindo uma conjunção harmônica de beleza física e virtuosa que, no período medieval, é um atributo, em essência, de Deus. Tudo o que é produzido pelos homens é considerado imitação das obras da Criação:

A norma da Beleza, portanto, nasce de Deus <<completamente belo, sempre belo do mesmo modo e no mesmo grau [...], belo em todos os lugares e para todos>>. Trata-se de um Belo indefinível que, precisamente porque incondicionado, permite a definição objectiva das coisas belas e as garante enquanto tal. (BROCCHIERI, 2003, p.84).

Para Plotino (BROCCHIERI, 2002), o belo é a vontade da alma de voltar ao Uno sendo guiada pelas ideias contidas no intelecto. A alma sente-se atraída pelo belo e não pelo feio, visto que a alma conhece o belo e não o feio. O que não é belo causa estranhamento à alma. O feio é desordem, erro e falta. O feio é ausência, não ser e, portanto, mal.

O norte que aponta para a virtude pretende chegar ao belo se afastando da matéria que compõe o objeto. A matéria impede que alcancemos o belo, visto que o que deve orientar esta busca são as ações virtuosas. É necessário se afastar da matéria e desconfiar do corpo, pois ele é a fonte do pecado. Os impulsos corporais induzem ao erro. O corpo deve ser temido e dominado e, apenas, a alma deve ser salva.

No corpo os vícios se manifestam e o feminino é extremamente perigoso por ser tentador e ainda há toda a história de Eva conhecida como a causa da queda do homem e o afastamento de Deus e portanto causando o distanciamento da perfeição e da beleza. Deve-se duvidar do corpo, adestrá-lo para que o mesmo não seja causa de perdição.

O cuidado para que o corpo não interfira no processo de religar-se com Deus acontece no simples modo de se trajar cobrindo o corpo com vestes longas e rodadas tanto para homens quanto para mulheres assim como cobrir a cabeça seja por chapéus e véus são modos adequados de uma mulher se apresentar em público. Os banhos termais romanos, o uso de massagens com óleos perfumados é tido como costume pagão e portanto não devem ser seguidos. Mas engana-se quem pensa que as mulheres não eram vaidosas. Vaidades tímidas são percebidas nos retratos como a bochecha rosada, as sobrancelhas depiladas e as testas aumentadas pela eliminação da linha do cabelo.

Existe uma beleza própria do medievo e ela está condicionamento às outras disciplinas, como a ética, a moral, as artes e, principalmente, a teologia. A beleza é encontrada nas boas ações, no comportamento virtuoso e na natureza. O belo é o bem agir de acordo com o estabelecido e delimitado pelas Escrituras. No período medieval, ele é o resultado de uma alma virtuosa porque a beleza corporal causa desconfianças. O corpo está fadado à destruição. A beleza se encontra extremamente ligada às ações virtuosas:

A contradição entre beleza exterior e beleza interior é, efetivamente, tema recorrente em toda a época. Mas também aqui a fugacidade da beleza terrena é sempre percebida como um sentimento de melancolia. [...] Frente a perecível beleza, a única garantia é dada pela beleza interior que não morre. (ECO, 1987, p. 21–22).

O homem da Idade Média é sensível a beleza. Ela existe e é uma das poucas coisas que causa prazer. Contemplar o Belo é deleitoso. A beleza é sentida na luz do Sol e no perfume das flores e o homem tenta expressar toda essa sensação na poesia, porque escrever é rascunhar o Belo. Deus criou o mundo com o poder de sua voz. Falar é assemelhar-se à Deus e aproximar-se da perfeição e conseqüentemente do que é considerado Belo.

Se a palavra é poderosa e se os sons produzidos pelo pronunciamento das mesmas porque não sentir a beleza no som? A sonoridade harmoniosa resulta na musicalidade. E canta agrada a Deus, conta-se que os Anjos cantam para agradar a Deus então os homens começam a imitá-los nas Igrejas. O cântico de tão perfeito torna-se objeto de adoração e por meio dele tenta-se aproximar-se da perfeição divina.

O sujeito medieval é aquele que deseja redimir-se de seus erros. Ama o que é Belo e busca agradar o seu criador, portanto comporta-se como acredita que poderia agradá-lo: agindo retamente, buscando a perfeição pela prática constante do que é considerado como boas ações. É fazendo uso das virtudes que o sujeito torna-se belo.

A beleza é interior porque é onde a alma habita e é ela que percebe quando o corpo se desvia da virtude e é capaz de corrigi-lo. Uma alma virtuosa é a manifestação e a representação mais perfeita da Beleza.

3.3 A concepção de Pizan acerca do Belo

Christine, em sua obra, *A Cidade das Damas*, trata a beleza como aquilo que é aparente e visível para o outro, isto é, o que está à disposição do outro e aberto ao exame e julgamento alheio. A beleza é de caráter público, no sentido de que todos podem visualizá-la. Sua presença e ausência aparecem no corpo e nas ações e dependem das formas em que ela se apresenta, no mundo, estando, estritamente, relacionada à moral.

Christine aborda mais profundamente as questões acerca da Beleza no Livro II em passagens como:

Mariana era uma jovem judia, a filha do rei Aristóbulo. Ela era tão bonita que só estimava-se que sua beleza ultrapassava a de todas as mulheres de sua época, mas que ela era uma aparição divina ou celeste, e não uma simples mortal. Fizeram um retrato dela, e enviaram-no ao Egito ao rei Marco Antônio. Tocada pela maravilhosa beleza, ele afirmou que ela devia ser a filha de Júpiter, porque ele não poderia acreditar que um simples mortal pudesse gerar uma mulher tal. (PIZAN, 2012, p. 214).

Na passagem sobre Mariana percebe-se muito da concepção clássica de beleza. A beleza é vista como uma perfeição e associada ao divino. Mariana é bela porque se destaca entre os mortais e sua beleza é de ordem física. Pizan vai listando mais casos como no caso de Medéia:

Medusa, de acordo com o que as histórias antigas contam, era dona de uma beleza tão extraordinária, maior do que todas as outras mulheres, e ainda detentora de algo maravilhoso e sobrenatural: além da beleza do corpo, do rosto, e dos longos cabelos loiros encaracolados, como fios de ouro, um olhar tão encantador que atraía todos os mortais que, ao olharem pra ela, não podiam mais se movimentar. (PIZAN, 2012, p. 260).

E, ainda sobre a Beleza, ao citar Sara, esposa de Abraão:

Ela era de uma beleza tão soberana que ultrapassava todas as mulheres do seu tempo, tanto que muitos príncipes a cortejavam. Mas, ela era tão leal que não dava ouvido a nenhum. Entre os homens que a cortejavam estava o rei faraó, que a pegou a força de seu marido. Mas, a sua imensa virtude – que ultrapassava a beleza – lhe valeu a graça de Nosso Senhor, que a amava ternamente a protegeu de toda a maldade. (PIZAN, 2012, p. 211)

Christine reconta histórias de inúmeras mulheres que ficaram conhecidas por serem de extrema beleza física, mas que também eram guerreiras, mães, corajosas, amantes de seus maridos, sábias e fiéis. Elas não se abatiam frente às adversidades do mundo porque a beleza e a virtude podem ser entendidas como as faces de uma mesma moeda: o que é bom, é belo, sendo, então a manifestação do real e do verdadeiro.

As belas damas, apreciadas por Christine, se destacaram na prática das boas ações. Suas belezas, então, se intensificavam em razão disso. Elas persistiram, mesmo sob atitudes que a testaram e perseguiram, porque estavam exercitando suas virtudes. Foram perseverantes, íntegras e constantes em seus propósitos. Permanecendo virtuosas.

4 DA VIRTUDE

4.1 A virtude segundo Aristóteles

O mais antigo tratado a respeito da moral e do comportamento virtuoso é atribuído ao filósofo Aristóteles em seu livro *Ética a Nicômaco*, que distinguiu dois tipos de virtude: as morais e as intelectuais. Virtude moral é a que pode ser adquirida pelo hábito, o homem moral é virtuoso e bom. A virtude intelectual é desenvolvida através do ensino e da prática diárias requerendo experiência e tempo:

Por tudo isso, evidencia-se também que nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza; com efeito, nada do que existe naturalmente pode formar um hábito contrário à sua natureza. Por exemplo, à pedra que por natureza se move para baixo não se pode imprimir o hábito de ir para cima, ainda que tentemos adestrá-la jogando-a dez mil vezes no ar; nem se pode habituar o fogo a dirigir-se para baixo, nem qualquer coisa que por natureza se comporte de certa maneira a comportar-se de outra. (ARISTÓTELES, 1991, p. 40).

Continua:

de todas as coisas que nos vêm por natureza, primeiro adquirimos a potência e mais tarde exteriorizamos os atos. Isso é evidente no caso dos sentidos, pois não foi por ver ou ouvir frequentemente que adquirimos a visão e a audição, mas, pelo contrário, nós as possuíamos antes de usá-las, e não entramos na posse delas pelo uso. Com as virtudes dá-se exatamente o oposto: adquirimo-las pelo exercício, como também sucede com as artes. Com efeito, as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo; por exemplo, os homens tornam-se arquitetos construindo e tocadores de lira tangendo esse instrumento. Da mesma forma, tornamo-nos justos praticando atos justos, e assim com a temperança, a bravura. (ARISTÓTELES, 1991, p.40).

A virtude é uma questão de educação, é algo adquirido com esforço e que não se contraria à natureza. É uma aprendizagem, uma educação civilizatória, exige treino e esforço. Aristóteles afirma que a virtude pode ser conquistada mediante “uma certa espécie de estudo e diligência” (ARISTÓTELES, 1991, p.32).

Christine conheceu as obras de Aristóteles por intermédio de seus contemporâneos e, segundo esse pensador, o que diferenciava os homens dos outros animais não era apenas a razão, mas a virtude. Ela é a moderação, é o que está entre os vícios, classificados como conduta excessiva ou deficiente, e os excessos, como exemplifica o quadro abaixo:

Quadro 1 – Quadro representativo de virtudes aristotélicas

Vícios por Deficiência	Virtudes	Vícios por Excessos
Covardia	Coragem	Temeridade
Insensibilidade	Temperança	Libertinagem
Avareza	Prodigalidade	Esbanjamento
Vileza	Magnificência	Vulgaridade
Modéstia	Respeito Próprio	Vaidade
Moleza	Prudência	Ambição
Indiferença	Gentileza	Irascibilidade
Descrédito Próprio	Veracidade	Orgulho
Rusticidade	Agudeza de Espírito	Zombaria
Enfado	Amizade	Condescendência
Malevolência	Justa Indignação	Inveja

O principal objetivo almejado por Aristóteles era o de elaborar e discorrer acerca das virtudes e da crença de que, apenas, por meio de uma vida virtuosa e do caminho da moderação das ações é que se alcança a verdadeira felicidade, considerada o bem maior onde só:

as ações virtuosas devem ser aprazíveis em si mesmas. Mas são, além disso, boas e nobres, e possuem no mais alto grau cada um destes atributos, porquanto o homem bom sabe aquilatá-los bem; sua capacidade de julgar é tal como a descrevemos. A felicidade é, pois, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não se acham separados. (ARISTÓTELES, 1991, p.30).

O vício é caracterizado pelo excesso ou escassez e impede o homem de se realizar e ser feliz. É preciso que ele policie as próprias ações e controle seus instintos para, somente assim, exercitar as virtudes e desfrutar a felicidade. O homem persegue o sumo bem, que é o bem absoluto e incondicional. Todos o devem almejar e buscar, sendo esse o objetivo final de uma existência humana. A felicidade é entendida, na obra de Aristóteles, como autossuficiente e, somente, pode ser atingida por aqueles que exercem bem o seu ofício. As virtudes devem ser adquiridas através do exercício diário, visto que um comportamento virtuoso não existe, apenas, em potência. Para Aristóteles, a virtude moral pretende levar o homem a viver de forma moderada. O sujeito virtuoso toma consciência dos próprios atos e age em prol de um fim último, almejando muito mais a felicidade completa do que o prazer imediato.

4.2 A Virtude em Pizan

Em seu livro, *A Cidade das Damas*, Christine pensa na virtude, força sustentadora e capacidade estratégica de permanecer firme em um propósito sem se perverter, como fator principal e determinante para adentrar na cidadela. É uma habilidade que deve ser desenvolvida com esforço, se necessário, por ser uma qualidade humana que precisa de treino e exercício. Não é um dom nem tampouco uma habilidade inata, a virtude é uma questão de educação do corpo que, quando bem treinado, está livre dos vícios podendo se tornar um meio de salvação.

No medievo, o corpo era tido como a prisão da alma. Além de ser considerado perigoso, principalmente, o feminino, a tradição o consagrou como fadado ao pecado. Ele precisaria ser treinado para que a alma não sofresse torturas após a morte. Não havia escolha, ou vivia, constantemente, controlado, ou poderia morrer no esquecimento das incertezas religiosas. Na Idade Média, o ponto característico é cristianizar as virtudes desenvolvidas pelos pensadores antigos.

O critério adotado para adentrar em *A Cidade das Damas* é a virtude. Por intermédio dela se chega à Cidade, lugar onde as mulheres não estão mais vulneráveis à perversão dos homens. A virtude de Christine de Pizan é o estímulo para agir e fazer uma escolha porque é sinônimo de poder de escolha e atitude, exercendo a verdadeira função do comportamento optado, como afirma Comte-Sponville: “O que é uma virtude? É uma força que age, ou que pode agir” (COMTE-SPONVILLE, 1995, p. 7). Exemplificada nos seguintes exemplos no caso da rainha Semíramis, habilidosa no manejo das armas e na arte de guerra, foi “*dama de grande virtude, força e coragem*”. (PIZAN, 2012, p. 153, grifo meu).

A interpretação da obra de Christine de Pizan possibilita afirmar que a autora não segue a teoria de Aristóteles, adepto de a virtude ser o caminho do meio para obter a felicidade. Para Christine, o mais importante é a persistência e a constância em seu uso. Persistir é perseverar, é o treino das ações e das habilidades, ainda que seja mais fácil

desistir e sucumbir, como no caso de Penélope “*ela era sábia, virtuosa, devota aos deuses e de vida exemplar.*” (PIZAN, 2012, p. 213).

As virtudes são plurais assim como e segundo Pizan apenas as mulheres são “*possuidoras de todos os bens e de todas as virtude*” (PIZAN, 2012, p. 210). Apesar de não classificá-las, Christine aceitaria a seguinte diferenciação:

Quadro 2 – Diferenciação das virtudes

VIRTUDES			
Políticas	Intelectuais	Espirituais	Morais
Prudência	Sabedoria	Fé	Lealdade
Astúcia	Inteligência	Caridade	Fidelidade
Autoridade	Criatividade	Esperança	Coragem
Estratégia		Misericórdia	Generosidade
Justiça		Compaixão	Humildade
		Amor	

Desde os Antigos, existia, na Idade Média, uma separação entre as virtudes consideradas femininas e masculinas. No âmbito feminino, as virtudes atribuídas eram silêncio, pudor, humildade, moderação e discrição. Aos homens lhe eram próprias a coragem, a virilidade, a autogestão, a oratória e a disciplina. As mulheres de *A Cidade das Damas* representam e personificam a autoridade e a força. Algumas qualidades foram tão exercitadas que se tornaram parte característica daquelas mulheres:

Quadro 3 – Quadro de Virtudes Femininas

Exemplos	Virtudes
Semíramis, rainha e guerreira	Coragem
Safo, poetisa	Sabedoria
Medéia, conhecedora das ciências naturais	Respeito Próprio
Dido, rainha de Cartago	Magnificência
Paulina, esposa de Sêneca	Lealdade
Ester, esposa de Assuero	Prudência
Xantipa, esposa de Sócrates	Compaixão
Amazonas	Autogestão
Aracne	Criatividade

Mulheres Santas	Caridade
-----------------	----------

4.3 A estética das virtudes

A constância na prática das virtudes acaba desenvolvendo uma estética tornando as mulheres que as praticam autoridades e referência dessas ações. A estética das virtudes consiste na prática frequente desses comportamentos que exigem dedicação, como fizeram as mulheres que fundamentam *ACidade das Damas*, exemplos de perseverança mesmo diante das dificuldades.

A beleza é, facilmente, conciliável com a virtude. Uma mulher pode ser, extremamente, bela e casta, basta agir para que, assim, permaneça. Muitas mulheres preferiram a morte a perder a pureza natural. Exemplos disso são os personagens bíblicos Sarah, Rebecca, e a mitológica Penélope, esposa de Ulisses.

No livro *ACidade das Damas*, as mulheres são de grande beleza física em complemento com as ações virtuosas. Ao longo de todo o livro *ACidade das Damas*, Christine vai estabelecendo uma perceptível relação entre beleza e virtude:

No Livro I:

- ❖ A poetisa Safo “*era de uma grande beleza, tanto de rosto como de corpo; sua postura, seu modo de se comportar e de falar eram muito doces e agradáveis, mas sua grande inteligência superava todas as graças de que era dotada*”. (PIZAN,2012, p. 119, grifo meu);
- ❖ “*Semprônia de Roma era uma mulher de grande beleza, mas se ela superava pela beleza de seu corpo e de seu rosto todas as mulheres de seu tempo, ela as superava ainda mais pela excelência e sutileza de sua engenhosidade. Era tão inteligente que retinha imediatamente tudo que escutava e lia, qualquer que fosse o grau de dificuldade*”. (PIZAN,2012, p. 139, grifo meu), e
- ❖ “*Medéia, de quem se fala em muitos escritos, foi tão sábia nas artes e ciência quanto a precedente. Ela era a filha de Eestes, rei de Cólquida e da Pérsia. Era muito bela, alta, elegante e esbelta, e de um rosto muito*

gracioso. Ela conhecia as propriedades das plantas e todos os sortilégios possíveis; e nenhuma arte existente, ela ignorava". (PIZAN,2012 p. 121, grifo meu).

Todas as mulheres que compõem o Livro I são habilidosas, fortes, virtuosas, de grande beleza e faziam uso de seus atributos físicos e suas capacidades intelectuais. São guerreiras, cientistas e rainhas, mas, também, mães amorosas e esposas dedicadas. Acompanhavam o esposo em batalha, mas voltavam para aconselhar os filhos, em casa, e trançar seus cabelos como na interessante passagem sobre Semíramis:

Uma vez, Semíramis, estava em seu quarto, com suas damas de companhia a penteando, trouxeram-lhe a notícia de que de que um de seus reinos havia se rebelado contra ela. Levantou-se imediatamente, jurando pelo seu reino que a parte do cabelo que havia ficado solta não seria nunca mais feito trança se ela não conseguisse reaver o controle daquele território. Armou prontamente uma multidão de seu povo, correu até os rebeldes e com força e vigor extraordinário conseguiu dominá-los. (PIZAN, 2012, p. 91).

No Livro II:

- ❖ *“A bela e boa Tércia Emília, mulher de Cipião, o primeiro Africano, não odiava seu marido pelo fato de ele ser velho. Essa mulher era muito sábia e virtuosa”*. (PIZAN, 2012, p. 183, grifo meu);
- ❖ *“Naquela cidade vivia então Judite, uma nobre dama ainda jovem e de uma beleza, mas, sobretudo casta e virtuosa. ”* (PIZAN, 2012, p.198, grifo meu);
- ❖ Ester era nobre, *“sábia, boa, bela e amada de Deus. ”*, foi à escolhida entre várias mulheres para ser rainha ao lado do rei Assuero e assim libertar o seu povo. (PIZAN,2012, p. 200, grifo meu);
- ❖ E o que dizer da filha de Giovanni Andréa, Novella, que era *“bela e boa”* (PIZA, 2012, p 208) que ao lecionar tinha uma cortina separando-a dos alunos para que sua beleza não os distraísse,

- ❖ “ *a excelente e virtuosa Rebeca, esposa de Isaac o patriarca, pai de Jacob, não era menos sábia nem bonita como Sara. Ela era tão virtuosa, sábia e honesta que todas aquelas que se aproximava dela considerava-a como modelo de castidade.* ”(PIZAN, 2012, p.211 e 212, grifo meu) e
- ❖ Griselda, “*era de uma beleza soberana, mas sua castidade e sua virtude eram ainda mais notáveis*”(PIZAN, 2012, p.232, grifo meu).

As mulheres que compõem esse livro demonstraram fidelidade aos seus maridos, são boas conselheiras, estudiosas, religiosas, profetisas, servas dos deuses e oráculos de suas vontades. São mulheres conhecidas pela habilidade da retórica e, apesar da mesma ser uma arte masculina, eram ouvidas e consultadas. Reis as procuravam vindos de longe para saber se teriam êxitos em suas batalhas. Também, mulheres sábias amantes intensas do saber que viajavam quilômetros, como a Rainha de Sabá, para conhecer um sábio e são também esposas de sábios, como Xantipa, esposa de Sócrates, e Paulina, esposa de Sêneca, que estiveram ao lado de seus amados até à morte.

No Livro III:

- ❖ Santa Christine foi trancafiada pelo pai por causa de sua beleza e, ao não adorar os deuses pagãos, acabou sendo jogada ao mar por ele, se tornando mártir pela palavra de Deus. (PIZAN, 2012, p. 292),
- ❖ “*Não se pode esquecer da bem-aventurada virgem Martina. Ela nasceu em Roma, de uma família nobre. Era muito bela*” (PIZA, 2012, p. 281, grifo meu) e
- ❖ “*Justina, santa virgem originária de Antiochia, jovem extraordinariamente bela, conseguiu vencer o diabo*” (PIZAN, 2012, p. 286, grifo meu).

Esse livro retrata mulheres fiéis ao Deus cristão e às Escrituras. Muitas viram seus filhos sendo torturados e mortos, mas resistiram. Receberam e esconderam profetas, em suas casas, e se dedicaram, exclusivamente, ao serviço religioso. A Cidade e o livro são finalizados com essas mulheres de inquestionável virtude.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A beleza corporal era um aspecto muito importante, na aquisição de virtude, para o homem grego. A ginástica era, então, praticada não só para a formação do corpo, mas também para atingi-la. O fortalecimento do corpo era buscado, assim como o domínio sobre si próprio.

O sujeito bom é completo e perfeito em si mesmo, continua imutável e idêntico à sua essência. O sujeito belo possui a perfeição da harmonia entre as partes de um todo que não possui deformação ou desequilíbrio. Na antiguidade grega, é marcante a relação entre beleza e virtude, visto que o sujeito consegue se demonstrar belo e bom, concomitantemente: belo nas formas físicas e bom no exercício do comportamento virtuoso.

A relação entre beleza e virtude é afirmada entre a Verdade, a Beleza e o Bem, por serem as faces diferentes do mesmo Ser divino. A estética das virtudes consiste na prática constante desses comportamentos, exigentes de dedicação, como fizeram as mulheres que fundamentam *ACidade das Damas*, que são exemplos de perseverança e demonstração de beleza e grandeza de ações, mesmo diante das dificuldades.

Na constância do exercício das virtudes mora a beleza de uma mulher. A beleza física é, apenas, um atrativo a mais, mas a coragem, a perseverança, a sabedoria, a fé em Deus, o amor aos filhos, ao esposo, as artes, ao estudo, a compaixão pelo próximo e tantas outras habilidades são o que tornam as mulheres, realmente, belas e admiráveis.

A Estética das Virtudes é apenas uma das várias possibilidades de leitura da obra *A Cidade das Damas*, mas muitos outros temas poderiam ser abordados como:

- ❖ A pluralidade das virtudes femininas;
- ❖ A educação feminina na Idade Média;
- ❖ A misoginia na história da filosofia;
- ❖ A importância das virtudes serem femininas,
- ❖ Pizan como discípula das Virtudes e
- ❖ As abadias como centros dos saberes.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**; Poética. Seleção de textos de José Motta Pessanha. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores, v. II).

BITTAR, Eduardo C. B. **Curso de filosofia aristotélica**: leitura e interpretação do pensamento aristotélico. São Paulo: Manole, 2003.

BROCCHIERI, Fumagalli Beonio. **A estética da Idade Média**. Lisboa: Editorial Estampa, 2003.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. **A cidade das damas**: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. 2006. 368 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) —Departamento de Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/2006/teses/tese-luciana-eleonora-freitas.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2014, 14:59.

ECO, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval**. Tradução de Mario Sabino Filho. Revisão técnica de Roberto Romano. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Christine de Pizan e *Le livre de la cité des dames*: pontos de releitura da visão tradicional da mulher = Christine de Pizan and *Le livre de la cité des dames*: points of re-reading of the traditional vision of woman (Artigo de Periódico). **Cerrados**: Revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura, Brasília, v.20, n. 32, p. 30–320, 2011. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/cerrados/article/viewFile/8390/6386>>. Acesso em: 25 jun. 2014, 15:00.

LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan**: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação. 2008. 228 f. Tese (Doutorado) —Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-14042009-152149/pt-br.php>>. Acesso em: 25 jun. 2014, 15:02.

LIMA, Vilma Gomes de. O desafio de ser letrada na idade média: uma leitura de Christine de Pizan. 2011. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011. Disponível em: <http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Vilma_de_Lima.pdf>. Acessado em: 01 jul. 2014, 12:14.

LOMBARDO, Giovanni. **A estética da Antiguidade Clássica**. Lisboa: Estampa, 2003.

NERI, Christiane Soares Carneiro. **Feminismo na Idade Média**: conhecendo a cidade das damas. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ged/article/view/16950/9653>>. Acesso em 01 jul. 2014, 12:05.

PLATÃO. **Diálogos**. Tradução brasileira de Jorge Paleikat. Porto Alegre: Globo, 1954.

PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores). Conteúdo: O banquete — Fédon — Sofista — Político.

PERNOUD, Régine. **Idade Média**: o que não nos ensinaram. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

PIZAN, Cristine. **A Cidade das Damas**. Tradução e Apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2012.

SOUZA, Daniele Shorne de. **O conhecimento não corrompe**: o pensamento utópico de Christine de Pizan no alvorecer da modernidade. Monografia (Graduação em História) —Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em:

<http://www.generos.ufpr.br/files/3b86-monografia_daniele.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2014, 15:30.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2011.

WUENSCH, Ana Míriam. **O quê Christine dePizan nos faz pensar**. Graphos:Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB, João Pessoa, v. 15, n.1, p. 1–12, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/16315/9344>>. Acesso em: 25 jun. 2014, 15:07.